

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

BEATRIZ CHAGAS PIZZO

ANÁLISE DO LIVRO "A PROFESSORA DA ALFABETIZAÇÃO"
A PARTIR DA PSICOLOGIA COGNITIVA

CURITIBA

2023

BEATRIZ CHAGAS PIZZO

ANÁLISE DO LIVRO "A PROFESSORA DA ALFABETIZAÇÃO"
A PARTIR DA PSICOLOGIA COGNITIVA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação em Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Kruszielski

CURITIBA

2023

AGRADECIMENTOS

No decorrer destes seis anos de formação, dois grandes desafios que nunca imaginei se apresentaram, uma pandemia e uma doença, além dos desafios do dia a dia. Em diversos momentos eu teria desistido da pedagogia e talvez de mais se não fosse pela rede de apoio maravilhosa que tenho. A entrega desse trabalho e meu (futuro) diploma só é possível graças a eles.

Graças a meu pai e minha mãe, Fabio e Carla. Sem eles eu não estaria aqui hoje, mas mais importante, com eles eu tenho apoio e amor para correr atrás dos meus sonhos, por mais que estejamos fisicamente distantes, e sempre tenho braços para me acolher.

Graças a meu irmão, Leonardo, que está sempre disponível para uma risada, um abraço, um desabafo.

Graças a minha família - avós e avô, tias, tio e primos - que mesmo longe me encorajaram.

Graças a meu namorado, Diego, que mesmo com a vida virada de cabeça para baixo também foi meu chão e me incentivou a continuar.

Graças a meu cunhado e médico, Tiago, e a minha cunhada, sempre pacientes e dando apoio como puderam. E graças ao afilhado incrível que me deram, com uma luz que nunca imaginei.

Graças a minhas melhores amigas, Gabriela e Pietra, sempre me incentivando e sendo ouvido para desabafos e ombro para chorar.

Graças ao meu trabalho que, por mais corrido que seja, me deu energia para finalizar a graduação e incentivo para continuar pra sempre a trabalhar com crianças e fazer parte do incrível mundo que elas criam.

Graças ao professor Leandro, que seguiu firme e forte na orientação deste TCC, mesmo quando eu não estive, e não desistiu do potencial que o trabalho tinha.

Por fim, preciso também agradecer a mim mesma por ter continuado e conseguido chegar até aqui.

RESUMO

O presente trabalho buscou analisar criticamente o livro “A Professora da Alfabetização”, escrito por Américo Amorim e Matheus Bento, de acordo com a abordagem da Psicologia Cognitiva. Entende-se a alfabetização como parte essencial para a formação do indivíduo, em que a aprendizagem da leitura e da escrita permite o acesso ao conhecimento, a expressão de ideias, a comunicação efetiva e a participação plena na sociedade. Para ler e escrever, a criança precisa relacionar o que vê (grafemas) com os sons da fala (fonemas), para formar palavras, assim como precisa entender a função social do texto que está lendo, habilidade conhecida como letramento. Inicia-se a discussão com uma fundamentação teórica sobre esses conceitos e alguns outros que se mostram importantes no decorrer da narrativa, como tecnologia, consciência fonológica, avaliação e jogos e brincadeiras. Depois, o livro é analisado em dois momentos. Primeiro, os autores são caracterizados: Américo Amorim é doutor em Educação pela *Johns Hopkins University* e suas pesquisas tem como foco a consciência fonológica e o uso de tecnologias em sala de aula de Educação Infantil e Ensino Fundamental Anos Iniciais; e Matheus Bento é escritor que fornece seus serviços como “ghostwriter”. Em seguida, apresenta-se os elementos textuais da obra, tais como os personagens (a protagonista Juliana, o antagonista autor de bilhetes misteriosos e outros), o tipo de narrador, que é onisciente, e o tempo e espaço em que a narrativa ocorre. Além disso, é também apresentado de forma breve os eventos da trama, os principais acontecimentos. Na segunda parte da análise, o livro é olhado de maneira crítica frente às alegações de ser uma educação com base em evidências científicas, às práticas de ensino e alfabetização em sala de aula e aos resultados obtidos pela professora protagonista. A conclusão chegada é a de que, apesar de dizer ser guiado por evidências científicas, o livro é claramente a favor da alfabetização a partir da consciência fonológica e do uso das tecnologias em sala de aula, assim como praticado por Américo Amorim e em sua empresa, que também é a editora do livro, Escribo.

Palavras-chave: alfabetização; psicologia cognitiva; evidências científicas.

ABSTRACT

In this study the goal was to critically analyze the book "A Professora da Alfabetização", written by Américo Amorim and Matheus Bento, following the Cognitive Psychology approach. The process of learning how to read and write is crucial to forming the individual and it allows access to knowledge, to means of expression, effective communication and full participation in society. To read and to write, the child needs to relate what they see (grapheme) with the sounds of speech (phoneme) to form words, as well as understand the use of that text in a social context, skill known as literacy. The discussion starts with a theoretical foundation about these concepts and a few others that are important in the development of the narrative, such as technologies, phonological awareness, assessment and games. Afterwards, the book is analyzed in two moments. First, the authors are detailed: Américo Amorim is Doctor of Education at Johns Hopkins University and his research focuses in phonological awareness and the use of technologies in the classroom in Early Childhood; and Matheus Bento is a writer who provides his services as a "ghostwriter". Next, the textual elements of the book are presented, such as characters (the protagonist Juliana, the antagonist author of the notes and others), the type of narrator, which is omniscient, and the time and space in which the narrative takes place. Other than that, the main events of the story are briefly presented. In the second part of the analysis, the book is looked at in a critical view about the allegations of being based in scientific evidences, the teaching and literacy practices presented in the book and the results obtained by the protagonist. The conclusion gotten to is that, even though it says it is guided by scientific evidences, the book is clearly in favor of a child learning how to read and write through phonological awareness and the use of technologies in the classroom, just like practiced by Américo Amorim and his company, that is also the editor of the book, Escribo.

Key words: literacy; cognitive psychology; scientific evidence

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
3 ANÁLISE DA OBRA	20
3.1 APRESENTAÇÃO DA OBRA	20
3.1.1 Elementos textuais	22
3.2 ALFABETIZAÇÃO	24
3.2.1 Consciência fonológica	25
3.2.2 Fonemas	27
3.2.3 Educação baseada em evidências científicas	29
3.3 PRÁTICAS EM SALA DE AULA	30
3.3.1 Diagnose	30
3.3.2 Modelagem de leitura e escrita	32
3.3.3 Leitura de palavras grandes	33
3.3.4 Leitura de diferentes gêneros textuais	34
3.3.5 Jogos e brincadeiras	35
3.3.6 Tecnologia na sala de aula	37
3.4 ANÁLISE CRÍTICA	38
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42

1 INTRODUÇÃO

A discussão quanto à alfabetização no Brasil não é recente. Com o acesso à escola pública ocorrendo apenas no século XX, muitas crianças se encontravam fora da escola (LOTSCH, 2015) e, na verdade, muitas ainda se encontram até hoje. A situação educacional no país vai além do acesso, envolve também questões como vulnerabilidade social e qualidade da educação. Em 2015 a Organização das Nações Unidas (ONU) elencou 17 Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável (ODS) para serem atingidos até 2030 (ONU, 2023). Dentre esses objetivos, um deles é a Educação de Qualidade, que envolve a igualdade na educação, alfabetização, oferta para todos, ensino técnico e outros.

Tendo a alfabetização então como um dos grandes objetivos de desenvolvimento, faz-se necessário olhar o andamento desta ao longo dos anos. De acordo com Haddad e Siqueira (2015), em 1960 o percentual de analfabetos era 39,6% (15.964.852, sendo que a população total era de 70.070.457); já em 2014 o percentual reduziu drasticamente para 8,3% (13.170.342, tendo 202.768.562 habitantes no total). É importante aqui também olhar para os números exatos e não apenas o percentual de analfabetos para se ter uma noção mais completa da realidade do país. Apesar de ter ocorrido uma diminuição considerável, o Brasil ainda é um dos países com taxa mais alta comparado a outros.

Com isso, a alfabetização se tornou uma grande preocupação e foco de pesquisadores e políticos. Diversos programas foram implementados pelos governos ao longo dos anos buscando reduzir ainda mais as diferenças e alfabetizar a população, tais como Plano Nacional de Educação (PNE), Programa Brasil Alfabetizado (PBA), Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), Política Nacional de Alfabetização (PNA) e outros. Além disso, foram determinadas também avaliações para medir o aprendizado dessas habilidades, tais como Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) e Provinha Brasil.

Pensando em atingir o objetivo de alfabetizar a população e diminuir mais o número de analfabetos, cresce cada vez mais a pesquisa por métodos de ensino de leitura e escrita, numa tentativa de encontrar o modo de ensinar a ler e escrever que seja o mais efetivo. Contudo, Sargiani (2022) expõe que essa “Guerra dos Métodos”, como ficou conhecida, não faz sentido:

A despeito de disputas e debates inócuos sobre qual é a melhor metodologia, as pesquisas mostram que a alfabetização envolve múltiplos fatores e que todos eles contribuem de diferentes modos para que as crianças possam aprender a ler e a escrever com autonomia, proficiência e prazer. (SARGIANI, 2022, p. 2)

O autor deixa claro que essa busca por um único método para guiar a prática da alfabetização não condiz com as pesquisas recentes e com o que os outros países têm aplicado e obtido resultados. O melhor método é, então, aquele guiado por evidências e que seja adequado ao desenvolvimento de cada grupo, tanto sobre a função social da escrita quanto sobre o sistema de escrita (desenho das letras, grafemas, fonemas etc.).

Para pensar a alfabetização, faz-se necessário estudar e compreender diferentes métodos e estratégias de ensino, a fim de encontrar uma combinação que seja condizente com o perfil das crianças da turma em questão. Cada aluno é único e possui características individuais que podem influenciar seu processo de aprendizagem. Pensando nessa diversidade de abordagens e práticas, a ideia deste trabalho se destacou nos olhos de uma futura professora por procurar analisar a alfabetização como mais do que o reconhecimento de letras. A Psicologia Cognitiva se torna uma ferramenta valiosa, pois leva em consideração o desenvolvimento cognitivo das crianças e o processo pelo qual elas passam ao aprender a ler e escrever.

A Psicologia Cognitiva se concentra no estudo dos processos mentais envolvidos na percepção, memória, atenção, linguagem e resolução de problemas (SNOWLING; HULME, 2013). Ao aplicar os princípios da Psicologia Cognitiva à alfabetização, é possível compreender como as crianças processam as informações relacionadas à leitura e escrita, como desenvolvem a consciência fonológica, a decodificação de palavras, a compreensão textual e outras habilidades essenciais.

Tendo isso em mente, o objetivo geral que guia este trabalho é analisar o livro “A Professora da Alfabetização”, a partir da Psicologia Cognitiva, em relação aos fundamentos teóricos e práticos da alfabetização apresentados em sua narrativa. A trama de Américo Amorim e Matheus Bento traz o olhar do leitor para uma sala de aula de primeiro ano do Ensino Fundamental e para as práticas de alfabetização praticadas pela professora principal. A análise desta obra se faz importante pois é apresentada como baseada em evidências científicas, ao mesmo tempo que parece “promover” a consciência fonológica para o ensino da leitura e escrita. Quanto aos

objetivos específicos, procura-se: apresentar o livro, os autores e os principais elementos textuais presentes; selecionar e analisar trechos do livro relacionados a conceitos teóricos e práticas pedagógicas da alfabetização comparando com a literatura científica atual; e avaliar criticamente se houve embasamento de evidências científicas colocados pela obra.

Para atingir estes objetivos, o presente trabalho partirá de uma fundamentação teórica a respeito da alfabetização e uma discussão quanto às principais abordagens. Além disso, alguns temas relacionados à análise da obra serão explicados mais a fundo. Em seguida, a narrativa do livro será descrita, bem como seus autores, editora e elementos textuais, como narrador, tempo e espaço. Por fim, os temas elencados no site da obra e também no documento “Guia de Transposição Didática” (ESCRIBO, 2022) desta serão orientadores para a escolha dos conceitos teóricos e práticas pedagógicas a serem analisadas, tais como consciência fonológica, educação baseada em evidências científicas, diagnose e outros.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A alfabetização é um processo fundamental que envolve o aprendizado das habilidades de leitura e escrita. Ela permite o acesso ao conhecimento, a expressão de ideias, a comunicação efetiva e a participação plena na sociedade, portanto é considerada uma das bases mais importantes da educação. Por ser tão essencial, há diversos estudos que buscam definir esse processo. Para Sargiani, por leitura:

[...] entende-se a capacidade de extrair sons de palavras escritas e, a partir desses sons, reconhecer os seus significados. Essa habilidade, também chamada de decodificação, deverá ser praticada até que a leitura possa se tornar fluente e permita a compreensão de frases e textos de forma independente. (SARGIANI, 2022, p. 11)

Leitura, então, exige da criança a capacidade de relacionar o que vê (grafemas) com os sons da fala (fonemas), para formar palavras e a partir disso atribuir significados, enquanto a escrita é mais técnica. Soares (2003) diz:

Chamo a escrita de técnica, pois aprender a ler e a escrever envolve relacionar sons com letras, fonemas com grafemas, para codificar ou para decodificar. Envolve, também, aprender a segurar um lápis, aprender que se escreve de cima para baixo e da esquerda para a direita; enfim, envolve uma série de aspectos que chamo de técnicos. (SOARES, 2003, p.1)

Como a escrita envolve diversas habilidades cognitivas complexas (MUSZKAT; MELLO, 2009), alguns documentos oficiais determinam uma idade certa: a BNCC coloca que deve ocorrer até os 7 anos e o PNAIC até os 8 anos. Porém, é importante lembrar que esse processo não tem um início específico, pois desde que a criança é exposta ao mundo ela tem contato com a língua escrita e oral (MUSZKAT; MELLO, 2009). Nas escolas, é na Educação Infantil que a criança começa a ter mais contato com a escrita, mas a alfabetização de fato só se torna objetivo nos anos iniciais do Ensino Fundamental (BRASIL, 2018).

Contudo, a alfabetização é mais do que aprender a ler e a escrever. Morais (2013) coloca que para estar alfabetizada a criança deve ser capaz de ler de acordo com sua língua, levando em conta as letras e os fonemas e tendo como base experiências passadas na fala e na leitura de seu idioma nativo. A criança tem de primeiro conhecer as letras e os fonemas, os valores que cada letra tem em determinado contexto, principalmente nas palavras que já fazem parte de seu repertório, para que consiga progredir e criar suas próprias hipóteses de como é o som formado pelas combinações de letras nas palavras que não conhece. Um bom exemplo das regras em diferentes contextos é a pronúncia das palavras "rato" e

"caro". Apesar de ambas terem a letra "r", sua pronúncia é diferente devido a posição em que se encontra: quando entre vogais, o fonema /R/ deve ser "rr", o que não se aplica quando em posição inicial (MORAIS, 2013). Com a prática da leitura, esse processo de decodificação se torna automático e a criança começa a dar conta do cenário como um todo. Ela não mais precisa juntar letra por letra para então buscar o significado da palavra: a junção de letras acontece mais rapidamente e o foco maior é no que aqueles símbolos representam em conjunto (MORAIS, 2013).

Tendo adquirido essa habilidade de decodificar a leitura e tornado mais automático, a criança passa a se concentrar no que é conhecido como letramento. Como expõe Soares (2005), aprender a ler e a escrever não garante que a criança compreenda a cultura escrita. De acordo com a autora, realmente alfabetizado é aquele que consegue utilizar no dia-a-dia e nos meios sociais seus conhecimentos da língua escrita para além da junção de letras. Soares (2021) traz o Quadro 1 com as diferenças entre os processos de alfabetização e letramento.

QUADRO 1 - Alfabetização e Letramento

ALFABETIZAÇÃO	LETRAMENTO
Processo de apropriação da “tecnologia de escrita”, isto é, do conjunto de técnicas - procedimentos, habilidades - necessárias para a prática da leitura e da escrita: domínio do sistema de representação que é a escrita alfabética e das normas ortográficas; habilidades motoras de uso de instrumentos de escrita (lápis, caneta, borracha...); aquisição de modos de escrever e de modos de ler - aprendizagem de uma certa postura corporal adequada para escrever ou para ler; habilidades de escrever ou ler, seguindo convenções da escrita, tais como: a direção correta da escrita na página (de cima para baixo, da esquerda para a direita); a organização espacial do texto na página; a manipulação correta e adequada dos suportes em que se escreve e nos quais se lê - livro, revista, jornal, papel etc.	Capacidades de uso da escrita para inserir-se nas práticas sociais e pessoais que envolvem a língua escrita, o que implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos - para informar ou informar-se, para interagir com outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para dar apoio à memória etc.; habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidade de orientar-se pelas convenções de leitura que marcam o texto ou de lançar mão dessas convenções, ao escrever; atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e prazer em ler e escrever, sabendo utilizar a escrita para encontrar ou fornecer informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor.
Alfabetização e letramento são processos cognitivos e linguísticos distintos, portanto, a aprendizagem e o ensino de um e de outro é de natureza essencialmente diferente; entretanto, as ciências em que se baseiam esses processos e a pedagogia por elas sugeridas evidenciam que são processos simultâneos e interdependentes. A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita - não precede nem é pré-requisito para o letramento, ao contrário, a criança aprende a ler e escrever envolvendo-se em atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita.	

Fonte: Soares, 2021, p. 27

Assim, tendo maior domínio da formação das palavras, a concentração passa a ser no significado delas e na função social do que está lendo. E aqui se vê o quanto a alfabetização está relacionada ao domínio da língua falada e ao meio ambiente da criança. Lahire (1997), um sociólogo francês, expõe que a criança com maior facilidade no aprender a ler é aquela que tem um bom repertório de palavras e tem contato com a escrita através da leitura de livros, contação de histórias e participação nas atividades do dia-a-dia (uso de calendário, listas etc.). Esse relacionamento da criança com a escrita começa em casa - ao ver pessoas de seu meio com quem tem algum tipo de afeto interagindo com a escrita, o que gera admiração e interesse:

Da mesma forma, o fato de ver os pais lerem ou escreverem com ou sem dificuldades, de ver os pais recorrerem cotidianamente, em sua vida familiar, a escritas de determinado tipo pode desempenhar um papel importante do ponto de vista do sentido que a criança vai dar ao texto escrito dentro do espaço escolar. [...] Podem ter, para uma grande parte delas, através das formas de organização doméstica que tais práticas tornam possíveis e das quais participam (contribuindo para constituí-las), um efeito indireto mas poderoso. (LAHIRE, 1997, p. 21)

Lahire (1997) tem, então, uma concepção da aquisição da linguagem relacionada ao abordado por Soares e Morais, mesmo nunca tendo abordado a alfabetização em específico, porém há diversas outras perspectivas pertinentes, tais como psicológica, cognitiva, psicolinguística e sociolinguística (SOARES, 1985). Essas diferentes concepções acerca da aprendizagem inclusive já levaram a algo que ficou conhecido como “Guerra dos Métodos”, principalmente quando se fala sobre alfabetização (SARGIANI, 2022).

Ao longo dos anos, diversas pesquisas foram realizadas no contexto educacional, tanto nacional quanto internacional, e muitos materiais foram produzidos sobre variados temas relacionados à educação, tais como avaliação, tecnologia, aquisição do conhecimento, desenvolvimento infantil, alfabetização etc. Porém, apesar de ter uma grande quantidade de materiais, conforme exposto por Sargiani (2022), é necessário parar e avaliar a qualidade e veracidade destes:

As evidências podem ser obtidas de diferentes modos e serem mais ou menos confiáveis. Nesse sentido, buscando a diminuição de riscos, recomenda-se sempre a adoção de evidências científicas, ou seja, aquelas oriundas de estudos científicos e de pesquisas conduzidas por rigorosos métodos, que podem ser replicadas [...]. É importante ressaltar que a publicação em uma revista científica não é por si uma garantia de qualidade, por isso é fundamental também que se analise a qualidade de cada estudo, a metodologia utilizada, as limitações e a abrangência. (SARGIANI, 2022, p. 25)

Sargiani ainda prossegue em reforçar que há diferentes necessidades e que não há uma abordagem absoluta quanto a ensinar a ler e a escrever, que sirva em todos os países ou até mesmo regiões de uma mesma cidade; cada público terá demandas e necessidades específicas:

Quando se fala em práticas de alfabetização baseadas em evidências, pode-se pensar que a intenção seja determinar um único método ideal que servirá a todas as crianças e que, caso adotado, garantirá a alfabetização. Contudo, isso está longe da realidade. [...] Na realidade, existem muitas práticas e métodos que possuem níveis diferentes de evidências para determinados públicos ou situações [...]. (SARGIANI, 2022, p. 29)

A alfabetização de diferentes indivíduos requer diferentes métodos e práticas, e, portanto, é fundamental que o professor se baseie em evidências científicas. Como as escolas são frequentadas por pessoas de diferentes passados e circunstâncias, os professores acabam tendo que se preparar de maneiras diversas, como exposto:

No entanto, com salas de aulas cada vez mais inclusivas e diversas, é esperado que os professores devam atender a diferentes demandas e necessidades dos alunos. Assim, esses profissionais precisam conhecer diferentes estratégias de ensino e monitorar suas ações para readequar as estratégias e garantir que todos os alunos possam aprender a ler e a escrever com sucesso. (SARGIANI, 2022, p. 30)

Conhecer diferentes abordagens de alfabetização auxilia o professor a navegar na sala de aula e a determinar apropriadamente quais são as melhores práticas. Assim, a educação baseada em evidências possibilita o professor a encaixar a realidade da escola e de seus alunos com práticas efetivas e com pesquisas que a comprovem.

Seguindo a ideia de que a alfabetização exige métodos diferentes se encontrando, os documentos base importantes à educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Pacto Nacional da Alfabetização (PNA) e outros, se baseiam em diversos teóricos. Nesses documentos, é ressaltado o quão essencial é o conhecimento do português como idioma para a formação e aprendizagem da criança:

Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Dito de outro modo, conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. (BRASIL, 2018, p. 90)

Como exposto na BNCC, a alfabetização envolve que a criança tenha todo um conhecimento das características da língua e que o professor entenda como o aprendizado ocorre. A Psicologia Cognitiva ajuda a entender como as crianças constroem o conhecimento sobre a linguagem escrita, investiga os processos de decodificação, compreensão e produção de textos. Ela explora como as crianças aprendem a reconhecer palavras, a atribuir significado a elas e a usar estratégias de compreensão textual. Isso inclui a análise de como as crianças desenvolvem a compreensão de vocabulário, a inferência de informações implícitas, a identificação de estruturas gramaticais e a organização de ideias.

Por exemplo, ao estudar a consciência fonológica, a Psicologia Cognitiva explora como as crianças reconhecem e manipulam os sons da fala, associando-os aos símbolos gráficos correspondentes. Essa consciência fonológica é uma habilidade essencial para a alfabetização e para o sucesso na leitura e na escrita. Santamaria, Leitão e Assencio-Ferreira (2004) a definem como "[...] uma habilidade de manipular a estrutura sonora das palavras desde a substituição de um determinado som até a segmentação deste em unidades menores" (p. 1), ou seja, a consciência fonológica permite que as crianças compreendam como as letras se relacionam com os sons, associando cada letra e conjunto de letras com um som e com o som formado nas palavras.

Diversos estudos sobre a aprendizagem da leitura e da escrita têm mostrado a importância do desenvolvimento das habilidades metalinguísticas, que são compostas por variados conhecimentos:

Por habilidades metalinguísticas entendem-se diferentes tipos de habilidades, tais como: segmentar e manipular a fala em suas diversas unidades (palavras, sílabas, fonemas); separar as palavras de seus referentes (isto é, diferenciar entre significados e significantes); perceber semelhanças sonoras entre palavras e, julgar a coerência semântica e sintática dos enunciados. (NOVAES; MISHIMA; SANTOS, 2013)

Além das habilidades mencionadas no trecho, a metalinguística envolve também a consciência fonológica. Novaes, Mishima e Santos (2013, p. 190) a definem como a "representação consciente das propriedades fonológicas e das unidades constituintes da fala, incluindo a capacidade de refletir sobre os sons da fala e sua organização na formação das palavras." Ou seja, essa habilidade é sobre refletir que a fala pode ser dividida em palavras, sílabas e fonemas e que essas partes podem ser manipuladas, gerando novos sons com seus devidos significados. Sendo assim,

a consciência fonológica é importante para o processo de alfabetização, pois exige que a criança analise as palavras em seus componentes menores e utilize das regras linguísticas para interpretar o que foi lido e também para escrever.

Para se tornar um leitor eficiente, a criança precisa entender que as palavras são compostas por unidades menores, como os fonemas, que são os sons da fala, e os grafemas, que são os símbolos escritos que representam esses sons (MORAIS, 2013). A criança deve ser capaz de desmembrar as palavras em seus componentes sonoros e identificar os padrões e correspondências entre os sons e as letras.

Partindo do entendimento de que a criança necessita dessa consciência fonológica para aprender a ler e a escrever, é essencial que os fonemas sejam trabalhados a fundo, ao invés de apenas demonstrados, como expõe Morais:

Há pouco mais de trinta anos, ainda se acreditava que, pelo simples fato de a criança ser confrontada com sequências constituídas de letras, ela se tornaria, pouco a pouco, consciente dos fonemas. Que não haveria necessidade de ajudá-la a analisar as expressões da fala em fonemas. Segundo essa ideia, bastaria dar à criança palavras escritas, textos, e ela, por si mesma, acabaria por encontrar seu caminho. Contudo, muitos estudos mostraram, sem deixar quaisquer dúvidas, que essa ideia é errada. A simples exposição ao material escrito não é suficiente para que a criança descubra o princípio alfabético. (MORAIS, 2013, p. 36)

A alfabetização que tem como componente a consciência fonológica exige que a criança aprenda os fonemas das letras, para que consiga sozinha decodificar outras palavras, sendo assim capaz de ler. Aqui parte-se do pressuposto de que a criança deve assumir papel ativo no processo de aprendizagem, e experimentar com os fonemas e formar as palavras sozinhas é um modo.

O professor que reconhece a relevância de envolver ativamente os alunos no processo de aprendizagem reconstrói o conceito de sala de aula como um espaço de troca de conhecimentos. Essa abordagem pedagógica valoriza o engajamento dos alunos e incentiva sua participação ativa nas atividades propostas. Com a consciência fonológica, ao envolver as crianças nesse processo de reconhecimento e pronúncia dos sons, elas têm um ambiente propício para praticar a leitura e a escrita de maneira contextualizada.

O exercício de ler um nome escrito no quadro, por exemplo, permite que as crianças apliquem os conhecimentos adquiridos, relacionando os sons das letras e sílabas com sua representação gráfica. Além disso, essa prática reforça a conexão entre a escrita e a oralidade, promovendo a compreensão de que as palavras escritas

correspondem aos sons que produzimos ao falar. Há diversas outras práticas que estimulam o papel ativo da criança, como os jogos e brincadeiras.

Quando se fala em jogos e brincadeiras, há diversos significados que podem ser entendidos. O que se entende como jogos e brincadeiras depende da natureza deste, assim como da abordagem e função que estão presentes em cada situação. Kishimoto esclarece:

Entende-se que o jogo, por ser uma ação voluntária da criança, um fim em si mesmo, não pode criar nada, não visa a um resultado final. O que importa é o processo em si de brincar que a criança se impõe. Quando ela brinca, não está preocupada com a aquisição de conhecimento ou desenvolvimento de qualquer habilidade mental ou física. (KISHIMOTO, 2016, p. 4)

Além disso, há também a presença de regras explícitas, como no xadrez e amarelinha, e de regras implícitas, como no faz de conta, que a criança sabe que deve assumir um papel (KISHIMOTO, 2016). A existência dessas regras ajuda a distinguir o jogo da brincadeira, que tem caráter mais livre e espontâneo.

Vale também reforçar que o jogo, quando se torna educativo, gera uma contradição pois junta dois elementos distintos: um de natureza livre e outro que busca aprendizados específicos e resultados (KISHIMOTO, 2016). Porém, a importância de juntar estes se encontra bem aqui:

O jogo, por ser livre de pressões e avaliações, cria um clima adequado para a investigação e a busca de soluções. O benefício do jogo está nessa possibilidade de estimular a exploração em busca de respostas, em não constranger quando se erra. (KISHIMOTO, 2016, p. 21)

Os jogos e brincadeiras são essenciais para o aprendizado e o professor deve incluí-los no planejamento. É através destes que o conhecimento se concretiza e, ainda mais, permite que a criança explore livremente e sem medo. Com essas práticas, se constrói um ambiente de aprendizagem interativo e participativo, no qual as crianças são incentivadas a desenvolver suas habilidades linguísticas e a se engajar ativamente no processo de alfabetização. Os alunos se tornam protagonistas de sua própria aprendizagem, construindo o conhecimento de forma significativa e adquirindo as bases necessárias para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita de forma sólida e eficaz.

Além do uso de jogos e brincadeiras na sala de aula, o professor deve incluir em seu planejamento o uso de tecnologias. O termo tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) se refere a computadores, *tablets*, *smartphones*, programas, entre outros. A inclusão destes no dia a dia da sala de aula se dá uma vez que:

[...] estão cada vez mais presentes na vida de todos, não somente nos escritórios ou nas escolas, mas nos nossos bolsos, nas cozinhas, nos automóveis, nas roupas etc. Além disso, grande parte das informações produzidas pela humanidade está armazenada digitalmente. Isso denota o quanto o mundo produtivo e o cotidiano estão sendo movidos por tecnologias digitais, situação que tende a se acentuar fortemente no futuro. (BRASIL, 2018, p. 473)

O mundo contemporâneo é repleto de tecnologias e a tendência é um aumento ainda maior, conforme tem sido observado na última década. Tendo isso em mente, faz-se necessário refletir sobre o impacto das tecnologias na construção dos conhecimentos, como trazido por Valente no trecho abaixo:

Entender como as TDIC podem ser úteis no processo de construção de conhecimento significa entender que elas são mais do que ferramentas ou recursos tecnológicos. Weston e Bain (2010), baseados em estudos de diversos autores, propõem que as TDIC sejam vistas como ferramentas cognitivas, capazes de expandir a capacidade intelectual de seus usuários. (VALENTE, 2013, p. 39)

Com o aumento da presença e da influência das tecnologias no dia-a-dia, houve também mudanças na área educacional, ainda mais depois da pandemia da COVID-19 em 2020. As tecnologias têm diversas outras funções para além do habitual diário: o uso de jogos, por exemplo, presente no planejamento de muitas professoras, através do uso de sites como *Wordwall*, *Scratch* e até mesmo *slides* com jogos da memória, por exemplo, junta a brincadeira às tecnologias. Esses jogos podem conter todos os tipos de conteúdos curriculares, para reforçar os aprendizados das crianças de modo mais dinâmico e interativo, como por exemplo a identificação de fonemas. O conhecimento que se absorve a partir do uso das tecnologias nas salas de aula vai muito além dos conteúdos curriculares, e diversos autores, como Valente, os coloca como letramento digital:

[...] os alunos estão aprendendo outras coisas que são também importantes, como navegar na internet, procurar e ter acesso a informação digital, usar outras linguagens para expressar o pensamento e aprender a colaborar em processos de aprendizagem. (VALENTE, 2013, p. 36)

Tendo em mente que as tecnologias estão presentes no dia-a-dia moderno, esses conhecimentos que levam ao uso consciente de mídias e ferramentas de pesquisa é indispensável e já faz parte do conteúdo curricular de muitas escolas. Nelas é percebido a presença das tecnologias no dia-a-dia das crianças e consideram importante que elas aprendam em um ambiente confiável a fazer o uso correto da internet e de redes sociais, trabalhando fontes de informação confiáveis e o modo de se expressar sem ferir o próximo. Como as TDIC estão presentes na vida da maioria

das pessoas, elas podem ser encaradas como ferramentas para o aprendizado, podendo proporcionar um momento semelhante às brincadeiras: com a criança no centro, sendo uma figura ativa no processo, e aprendizagem diferenciada.

Outra ferramenta importante no planejamento de professores do Ensino Fundamental é o trabalho com diferentes gêneros textuais, visando o aumento do repertório de seus alunos e também a exploração de diferentes funções sociais de textos escritos. Como ressaltado na BNCC, as habilidades relacionadas à leitura “[...] não são desenvolvidas de forma genérica e descontextualizada, mas por meio da leitura de textos pertencentes a gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana” (BRASIL, 2018, p. 75).

A BNCC inclusive aponta os gêneros a serem trabalhados nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental, tais como listas, instruções e regras, quadrinhos, cantigas, relatos, histórias, poemas, cartas, notícias, anúncios etc (BRASIL, 2018). As crianças precisam ter contato com esses diferentes gêneros tanto na leitura quanto na produção de textos:

É preciso que tenham consciência, como leitoras mas também como produtoras de textos, que existe uma grande variedade de possibilidades topográficas, de gêneros de papéis, de dimensões de escritos, e que o mundo real da escrita não se limita nem à folha ofício mimeografa, ocupada pela escrita manuscrita (azul ou violeta, conforme o estêncil) do professor, nem à página impressa do manual. (JOLIBERT, 1994, p. 21)

Essa percepção e habilidade de ler e escrever diferentes gêneros textuais é importante para a alfabetização completa da criança, pois todos fazem parte do cotidiano em algum momento. O trabalho com os diversos gêneros textuais permite que a criança conheça diferentes formatos de texto, suas funções e presença no mundo.

Além disso, é necessário também olhar para a avaliação de todas essas práticas em sala de aula. A avaliação é um instrumento essencial para verificar a eficácia do trabalho pedagógico (LUCKESI, 2011). Talvez um dos maiores teóricos nos estudos de Avaliação Escolar no Brasil é Cipriano Luckesi. Ele já publicou diversos artigos e livros e conduziu inúmeras pesquisas sobre o assunto. O autor coloca a atual prática da avaliação com objetivo de classificação, com a “função estática de classificar um objeto ou um ser humano histórico num padrão definitivamente determinado” (LUCKESI, 2011).

Luckesi expõe também que além de estudar a avaliação, é necessário fazer a distinção entre avaliar e examinar e que a ação do professor precisa partir do real intuito do instrumento utilizado. Quanto à diferença entre os atos, o autor coloca:

Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva; ao contrário, é diagnóstica e inclusiva. O ato de examinar, por outro lado, é classificatório e seletivo e, por isso mesmo, excludente, já que não se destina à construção do melhor resultado possível; tem a ver, sim, com a classificação estática do que é examinado. (LUCKESI, 2002, p. 84)

Então, avaliar serve não para classificar, mas para medir as áreas em que uma criança tem falhas para que o trabalho seja direcionado, enquanto o ato de examinar julga em aprovado ou reprovado, com base nos conhecimentos que foi capaz de demonstrar. Na realidade atual do Brasil, grande parte do trabalho pedagógico resulta em exames, na classificação dos alunos em bons ou ruins, partindo dos conhecimentos que foram capazes de demonstrar em uma prova repleta de pegadinhas, cujo foco não parece ser permitir que o aluno mostre o que sabe.

A avaliação deveria ter como foco verificar o conhecimento da criança em relação aos objetivos e critérios determinados pelos professores. E mais ainda, a avaliação deveria ser ponto de partida do trabalho pedagógico, pois assim o professor pode orientar seu trabalho de maneira personalizada com as necessidades das crianças (ALVES, 2013). A partir do que a criança sabe, o professor determina o que ela ainda tem de aprender de acordo com a faixa etária. E a noção de como o conhecimento é construído é essencial aqui, pois ao entender como as crianças constroem o conhecimento e como ocorre a aquisição da leitura e escrita, o professor pode escolher abordagens pedagógicas que sejam mais efetivas e adequadas para cada etapa do desenvolvimento.

Essas diferentes práticas de sala de aula (diagnose, gêneros textuais, tecnologias, jogos e brincadeiras e consciência fonêmica e fonológica) são essenciais para a aprendizagem completa das crianças e para que se desenvolvam em cidadãos participantes da sociedade, capazes de analisar informações e gerar suas próprias conclusões baseadas em fatos. A psicologia cognitiva se faz importante aqui por ser aquela que leva em conta o processo de aprendizagem e dos processos mentais.

A psicologia cognitiva contribui para o desenvolvimento de estratégias de ensino eficazes. Ao compreender como as crianças aprendem e processam informações, os educadores podem adotar abordagens que sejam adequadas às suas

habilidades e etapas de desenvolvimento cognitivo. Isso inclui o uso de métodos de ensino baseados em evidências, a utilização de materiais didáticos interativos e a promoção de atividades que estimulem o raciocínio, a resolução de problemas e a metacognição.

Além disso, também se preocupa com a motivação e a eficácia na alfabetização. Explora como as crenças, as atitudes e as motivações das crianças em relação à leitura e à escrita podem influenciar seu engajamento e desempenho, isso inclui o estímulo ao prazer pela leitura, a valorização da escrita como forma de expressão pessoal e a promoção da confiança nas habilidades de alfabetização.

Por fim, a psicologia cognitiva desempenha um papel crucial na alfabetização, fornecendo olhares diferentes sobre os processos mentais envolvidos no aprendizado da leitura e escrita. Ela contribui para o desenvolvimento de estratégias de ensino eficazes, adaptação às necessidades individuais dos alunos, compreensão dos fatores cognitivos que influenciam a alfabetização e estímulo à motivação e autoeficácia. A integração dos princípios da psicologia cognitiva na prática da sala de aula pode auxiliar na promoção de uma alfabetização bem-sucedida e significativa.

3 ANÁLISE DA OBRA

3.1 APRESENTAÇÃO DA OBRA

De acordo com o site oficial da obra (ESCRIBO, 2023a), "A Professora da Alfabetização" é o primeiro livro de uma série que pretende ser composta por três volumes que abordam a alfabetização, os anos iniciais do Ensino Fundamental e a Educação Infantil, sendo o único volume publicado até agora. O livro está disponível tanto na versão física, com 222 páginas, quanto no modelo e-book, com 192 páginas e audiobook, com 6 horas e 38 minutos de conteúdo, disponível através do aplicativo *Skeelo*. Lançado em 2022, tem como editora a Escribo Inovação para o Aprendizado e é escrito por Américo Amorim e Matheus Bento. A obra é considerada um romance de mistério, que traz um olhar mais próximo à Educação, à sala de aula e aos métodos de alfabetização no desenvolvimento de sua narrativa.

O primeiro autor mencionado, Américo Amorim, tem graduação e mestrado em Administração pela Universidade Federal de Pernambuco e tem doutorado em Educação pela Johns Hopkins University. Sua pesquisa de doutorado consistiu no desenvolvimento de jogos para o aprendizado da leitura e escrita de palavras já na Educação Infantil, denominada "O uso de jogos digitais por crianças na Educação Infantil para aumentar habilidades de leitura" (tradução livre, AMORIM, 2018). Também é sócio e cientista-chefe da Escribo Inovação para o Aprendizado, empresa que desenvolve jogos e aplicativos pedagógicos, conteúdo digital e livros, fundada em 2015 (ESCRIBO, 2023b).

No que diz respeito ao segundo autor, Matheus Bento possui graduação em Economia pelo Ibmecc, é escritor, redator publicitário e roteirista. Também fundou uma empresa para oferecer trabalho como "ghostwriter" (BENTO, 2023), conceito ainda pouco estabelecido no Brasil, porém muito mais usado em países como Estados Unidos, por exemplo. Foi definido pela *Cambridge Dictionary* (GHOSTWRITER, 2023) como "alguém que escreve um livro ou artigo para outra pessoa publicar com seu próprio nome" (tradução livre). No caso de "A Professora da Alfabetização", Matheus Bento acabou também sendo nomeado como autor.

Já a editora Escribo tem foco em inovação na Educação e é responsável por livros e conteúdos digitais como jogos e aplicativos, que estão disponíveis em diversos

países e escolas. A Escribo "é formada por professoras, designers, programadores e administradores que desenvolvem inovações para fortalecer o aprendizado dos estudantes e a gestão pedagógica das escolas" e seus materiais já ganharam diversos prêmios na área da Educação (ESCRIBO, 2023c).

Quanto à narrativa do livro, a personagem principal é Juliana, uma professora já com experiência de alfabetização e de sala de aula na rede particular, que assume pela primeira vez uma turma de primeiro ano do Ensino Fundamental em escola pública. Logo nos primeiros dias de sua vivência encara a realidade escolar e inclusive ouve das crianças diversas falas que refletem a falta de esperança no aprendizado da leitura e escrita. Uma de suas colegas de trabalho reforça esse mesmo pensamento presente nas crianças, colocando a alfabetização delas como sendo possível apenas no terceiro ano do Ensino Fundamental. Juliana passa a comparar as duas escolas em que trabalha e, apesar de reconhecer as diferenças na disponibilidade de ferramentas, a professora vê que o potencial de aprendizado das crianças é o mesmo.

Além de ter de encarar a docência com outro olhar, a professora se vê também frente a outro desafio já no primeiro dia de aula com as crianças: um bilhete anônimo pedindo que as crianças aprendam a ler e a escrever até o final do ano letivo. De início, os bilhetes são apenas intrigantes, porém com o passar do tempo, vão ficando progressivamente mais exigentes e ameaçadores. Pensando em sua segurança, Juliana procura a polícia e acaba tendo a ajuda de um detetive; no decorrer do livro, enquanto segue com suas aulas, o detetive continua com sua investigação.

Apesar dos bilhetes e de outros conflitos com alguns funcionários da escola, Juliana continua sem desistir das crianças e de seu aprendizado. Após conversar com uma amiga da escola particular, ela vai atrás de artigos, livros, *podcasts* e vídeos sobre alfabetização. A professora se interessa e passa a buscar teorias e métodos diferentes do que conhecia previamente a respeito do ensino da leitura, focando em consciência fonológica, e começa a aplicar estes novos conhecimentos em suas aulas. A narrativa, então, apresenta diversas práticas pedagógicas entremeadas com outros eventos pessoais que ocorrem na vida da professora.

3.1.1 Elementos textuais

O livro é narrado em terceira pessoa, com o narrador limitando-se a descrever os acontecimentos e apresentar os diálogos e situações. Em geral, o narrador apenas conta os eventos, sem participar de fato, mas em alguns momentos menciona e explica certas práticas e experimentos científicos, confundindo-se com a fala da protagonista.

Nos trechos a seguir há exemplos da confusão que o autor comete entre o narrador e a protagonista, ao trazer em suas descrições diversas teorias e práticas e ao colocar também um posicionamento. Aqui, no primeiro trecho, o narrador deixa claro ser a favor de tecnologias para o ensino quando fala dos benefícios do uso de *tablets* em sala de aula em meio ao pensamento de Juliana:

[...] um mecanismo de aprendizado que era indistinguível de qualquer brincadeira, que as crianças enxergavam como diversão pura, além de ser algo que elas queriam fazer de verdade. Os efeitos disso na eficácia do aprendizado seriam incríveis. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 59)

Já neste próximo trecho, em uma fala de Juliana com sua colega de trabalho, menciona um estudo realizado com crianças brasileiras e traz detalhes muito específicos para serem lembrados no dia-a-dia por uma pessoa normal, como o número exato de participantes, sendo assim um exemplo de momento em que Juliana se confunde com o narrador:

[...] Mesmo no Brasil temos ótimos resultados em pesquisas realizadas com muitas crianças. Em uma das maiores, 749 meninos foram acompanhados ao longo de dois anos letivos. Observadas de perto, um processo todo muito bem documentado. E ao longo desse período, as crianças evoluíram diretamente do estágio pré-silábico para o estágio alfabético [...] (AMORIM; BENTO, 2022, p. 98)

É importante ressaltar que esse estudo mencionado por Juliana é na realidade a própria pesquisa de doutorado de Américo Amorim na Johns Hopkins University (AMORIM, 2018) e, portanto, promove as teorias e conhecimentos que o próprio autor apoia e considera valiosos para o processo de alfabetização.

Estes dois momentos são boas representações do narrador se confundindo com a protagonista e vice-versa, ainda mais quando se leva em conta a dificuldade da professora com o termo “*workaholic*” (AMORIM; BENTO, 2022, p. 135) - ocasião em que Juliana conversa com o detetive Paulo sobre passatempos e a protagonista afirma que gosta mesmo é de trabalhar e que sua mãe a chama por este termo, viciada em trabalhar, porém a expressão correta em inglês é lembrada por Paulo e não pela professora.

Quanto aos personagens principais, a protagonista Juliana, cuja profissão dá título ao livro, está presente em todos os momentos da narrativa e assume uma postura de heroína, tomando sempre decisões moralmente corretas frente aos conflitos disponíveis. Mostra-se como uma pessoa curiosa e aberta a novas ideias, especialmente em relação a concepções teóricas que tratam a alfabetização. É importante destacar que ela possui uma postura bastante amigável à tecnologia, frequentemente ouvindo *podcasts*, assistindo vídeos na *internet* e fazendo o uso de *tablets* em sala de aula, característica importante para a trama e para a mensagem principal do livro. Várias situações em que se encontra, como o início de um novo emprego e uma reestruturação emocional após o término de um relacionamento amoroso longo, apontam para uma transição de vida, o que é reforçado pela adoção de uma nova perspectiva em relação ao modo de ensinar seus alunos a ler e escrever.

Desde o primeiro capítulo há a influência do antagonista de Juliana, o autor dos bilhetes misteriosos. O suspense a respeito de sua identidade é uma das grandes motivações criadas para que os leitores atravessem as páginas do livro até seu clímax, com ganchos a respeito do personagem em boa parte dos finais dos capítulos, instigando a leitura das páginas seguintes. Como convém às tramas de mistério/suspense, boa parte dos personagens secundários podem ser considerados suspeitos, ora por apresentarem motivações que justificam as ameaças, ora por se comportarem com desconfiança. Quando o segredo é revelado ao final, o resultado é satisfatório, sem cair em resoluções óbvias, tampouco sem apelar para algum personagem improvável ou mirabolante.

No decorrer da narrativa, o leitor é apresentado a diversos personagens secundários e, como já mencionado, boa parte deles são suspeitos de ser o antagonista. Juliana conta com a ajuda do detetive Paulo, mas se relaciona também com a professora Odete, com a secretária Joana, com o zelador Seu João e com a diretora Ana. Muitas destas interações com os funcionários da escola apresentam conflitos e geram desconfiança em Juliana e no leitor.

Quanto ao tempo, a história se passa na época atual (há diversos elementos de contemporaneidade, como a menção de serviços de streaming e a onipresença de celulares entre os personagens). O principal cenário é a escola e o seu entorno; trata-se de uma escola pública tipicamente brasileira descrita como “ambiente humilde” (AMORIM; BENTO, 2022, p. 147), com muitos elementos comuns à maior parte do

território nacional (pátio, sala de aula, quadra esportiva, jardim etc.). Apesar da protagonista trabalhar também em uma escola particular, as situações que ocorrem nesse ambiente não são aprofundadas ou se mostram relevantes. As menções a este espaço usualmente servem para realizar o contraste entre as duas realidades educacionais, sempre apontando a educação pública como palco de maiores desafios. De modo mais amplo, não é apontada nenhuma localização geográfica específica, mas alguns fatores, como expressões utilizadas, por exemplo, “coletivo” ao se referir a ônibus (AMORIM; BENTO, 2022, p. 3) e “guri” para se referir às crianças de sua turma (AMORIM; BENTO, 2022, p. 37), a menção a um clima quente e a escola principal da trama chamada Odorico Mendes (AMORIM; BENTO, 2022, p. 159), que homenageia um conhecido tradutor maranhense (WIKIPEDIA, 2023), sugere que o enredo se passa na região Nordeste.

No decorrer do livro, Juliana segue dando suas aulas e experimentando novas práticas para tornar possível alfabetizar as crianças da escola pública ainda no primeiro ano e, enquanto isso, continua a receber os bilhetes anônimos que aparentam ter muito conhecimento do que acontece dentro da sala de aula da professora com seus alunos. Em meio às aulas e aos bilhetes, Juliana acaba também por mudar o ambiente escolar, sendo chamada de “libertadora dos *tablets*” por outras professoras (AMORIM; BENTO, 2022, p. 60), mesmo que gerando conflitos com funcionários da escola. Além disso, o detetive continua auxiliando Juliana em descobrir quem envia os bilhetes e, frente a todas essas interações, um relacionamento amoroso começa a se desenvolver entre eles.

Nos próximos tópicos serão aprofundadas algumas questões presentes no livro, como as teorias sobre alfabetização em que a narrativa se apoia, as práticas pedagógicas adotadas por Juliana e o uso de tecnologias no ambiente educacional.

3.2 ALFABETIZAÇÃO

No decorrer da narrativa, os autores trazem diversas práticas de Juliana que tem como base teorias e conceitos de alfabetização com as crianças de primeiro ano do Ensino Fundamental, tendo como foco o aprendizado da leitura e escrita. Nos subtópicos a seguir, serão discutidas as principais teorias que fizeram parte do

planejamento das atividades da professora, conforme o que foi elencado no Guia de Transposição Didática (ESCRIBO, 2022).

3.2.1 Consciência fonológica

Um dos conceitos que se torna fundamental para a alfabetização que, no livro, Juliana aplica em sala de aula com seus alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, é a consciência fonológica. Ao longo da narrativa, o leitor é apresentado a uma série de práticas adotadas pela professora, nas quais a consciência fonológica desempenha um papel central.

Impulsionada pela crença de que a alfabetização não deve ocorrer apenas no terceiro ano do Ensino Fundamental, Juliana conversa com colegas e realiza diversas pesquisas na *internet*. Ao descobrir a consciência fonológica e sua importância para o processo de aprendizado da leitura e escrita, a protagonista encontra não apenas uma nova ferramenta pedagógica, mas também uma fonte renovada de esperança para seus alunos. A partir desse momento, Juliana enxerga o potencial de transformação que a consciência fonológica oferece, permitindo que suas crianças superem as dificuldades e se engajem na jornada da alfabetização.

A professora, baseada em seus estudos sobre consciência fonológica, inicia o trabalho com as crianças explorando os sons das letras. Ela adota uma abordagem progressiva, começando com a escrita dos próprios nomes dos alunos, algo familiar para cada criança. Esse exercício inicial visa estabelecer uma conexão pessoal e motivadora com a escrita. Conforme avança, a professora incentiva os alunos a escreverem os nomes dos colegas, dos pais e até mesmo palavras de seus interesses individuais, como inclusão de termos como "avião, nuvens e helicópteros" (AMORIM; BENTO, 2022, p. 112), buscando despertar o entusiasmo e a curiosidade das crianças, conectando o aprendizado da escrita com os assuntos que são significativos para a turma. Dessa forma, a professora estimula a alfabetização de forma contextualizada e personalizada, proporcionando um ambiente de aprendizado envolvente e relevante para os alunos. No trecho a seguir, um exemplo de uma aula inicial de Juliana com as crianças onde leem seus nomes:

Apontava para a primeira letra do nome. Perguntava qual era. Geralmente alguma criança dizia, pois a maioria conhecia partes de seus nomes. Depois ela perguntava qual era a segunda letra. Questionava se as crianças sabiam qual era o som das duas letras juntas. Falava o som da sílaba. Explicava que

aquelas duas letrinhas juntas formavam uma sílaba [...] Então pedia para as crianças procurarem no quadro outro nome que começasse com a mesma parte. Quando um nome começava igual, ela sublinhava a sílaba e pedia para as crianças tentarem ler o nome [...] (AMORIM; BENTO, 2022, p. 28)

No trecho mencionado, os autores destacam a importância do trabalho colaborativo entre professor e aluno. Ressalta-se que esse é apenas um dos muitos momentos nos quais Juliana proporciona um papel ativo às crianças durante as aulas, promovendo a construção do conhecimento de maneira interativa e participativa.

No próximo trecho, a professora direciona a atenção das crianças para o som das letras e das sílabas. Ela busca desenvolver a consciência fonológica e fonêmica dos alunos, estimulando-os a identificar e reconhecer os diferentes sons que as letras podem produzir, bem como a combinação desses sons para formar sílabas e, então, palavras:

Juliana não falava o nome da letra para os alunos, ela fazia o som real, tal como produzido nas cordas vocais, o fonema. Depois de falar um fonema, pedia para as crianças repetirem e escreverem a letra correspondente no caderno.

E depois foi juntando os sons (fonemas) para formar as sílabas. Ela fez igual ao sugerido pelo pesquisador do vídeo. E de sonzinho em sonzinho, ela e as crianças iam formando as sílabas, e ao juntar as sílabas, escreviam os nomes. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 36)

Aqui, fica evidente o trabalho de Juliana ao explorar o "sonzinho" das letras com o objetivo de ajudar as crianças a descobrir as sílabas e, gradualmente, formar palavras. Ao inserir a consciência fonológica no dia a dia da sala de aula, Juliana cria um ambiente propício para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita. Ela estimula as crianças a explorarem os sons da língua, a identificarem padrões sonoros e a aplicarem essas habilidades na leitura e escrita.

No decorrer do livro, os autores apresentam diversas outras práticas pedagógicas que são guiadas por esse mesmo princípio da consciência fonológica, como por exemplo: xxx. Assim, Juliana incentiva seus alunos a refletirem sobre a estrutura sonora das palavras, desafiando-os a identificar as sílabas e a compreender como elas se combinam para formar as palavras que leem.

Os autores deixam claro o ponto de vista deles quanto à importância da consciência fonológica para o ensino da leitura e escrita. Eles mostram como essa abordagem orientada pelos sons da linguagem proporciona benefícios significativos aos alunos, capacitando-os a se tornarem leitores proficientes e confiantes.

3.2.2 Fonemas

A criança está imersa em um ambiente linguístico desde o nascimento, interagindo e absorvendo a linguagem que a cerca, portanto aprender a falar é um processo mais natural e espontâneo que aprender a ler e escrever (MORAIS, 2013). Já a leitura e a escrita são habilidades complexas que exigem um aprendizado sistemático e uma compreensão das regras que regem a relação entre os sons da fala e os símbolos gráficos. Para Snowling e Hulme (2013, p. 114), “[...] aprender a ler não é uma questão simples, pois, no mínimo, envolve decompor um código que mapeia a linguagem falada sobre a linguagem escrita”. Ou seja, a linguagem falada é a base da linguagem escrita e, para que a aprendizagem da leitura e da escrita de fato ocorra, é necessário que a criança seja capaz de quebrar as palavras em seus menores componentes, como fonemas e grafemas.

Essa habilidade de decompor as palavras em unidades menores é fundamental para a decodificação e compreensão da linguagem escrita. A criança precisa aprender a relacionar os sons que ela ouve com os símbolos gráficos correspondentes. Esse processo envolve a compreensão de que as letras individuais ou grupos de letras representam diferentes sons na fala.

A compreensão dos fonemas, então, é essencial para o processo de alfabetização e desempenhou um papel fundamental no trabalho de Juliana em sua sala de aula com as crianças. Morais define essa unidade da língua como:

[...] cada letra ou, em alguns casos, um pequeno grupo de letras, representa um fonema, um "som" elementar, que, na realidade, não é um som: é antes uma abstração do som. Essa noção de fonema é difícil de entender, e as crianças, antes de aprenderem a ler, não têm a menor intuição do que seja. (MORAIS, 2013, p. 24)

Morais (2013) destaca que compreender que um fonema pode representar uma ou mais letras pode ser desafiador para as crianças. No processo de aprendizado da leitura e escrita, as crianças se deparam com diferentes palavras e suas estruturas, o que requer a formação de um raciocínio baseado nas regras linguísticas. Conforme avançam, elas serão capazes de ler sozinhas, tanto palavras quanto pseudopalavras, como comentado pelos autores da obra “A Professora da Alfabetização” a partir de uma atividade planejada por Juliana:

Das dez palavras que a professora preparou, oito eram de duas e três sílabas. Duas eram pseudopalavras que não possuíam significado nenhum, foram inventadas porque serviam para ver se as crianças conseguiriam vocalizar os

sons das letras corretamente. Se os pequenos conseguissem ler palavras fictícias, se saíam ainda melhor com expressões reais, que faziam parte das redes de conhecimento e aquelas relacionadas com a vida cotidiana. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 93)

A professora segue o mesmo entendimento de que, se a criança é capaz de ler uma palavra inventada, sem significado real, ela será capaz de ler palavras existentes no idioma, pois terá decifrado e realmente compreendido quais são as regras de formação das palavras. Para chegar a esse ponto, porém, Juliana passou por diversas outras etapas com as crianças, praticando e desenvolvendo diversas habilidades através do exercício e prática nas aulas, sempre trabalhando o som das letras “tal como produzido nas cordas vocais, o fonema” (AMORIM; BENTO, 2022, p. 36).

Em uma das diversas atividades retratadas no livro, a professora passa uma tarefa de casa secreta para as crianças: escrever o nome dos pais sem que ninguém soubesse (AMORIM; BENTO, 2022, p. 66). As crianças se empolgam com a tarefa diferenciada e, a partir disso, Juliana realiza outras práticas de leitura e escrita. Após terem decifrado a escrita dos nomes dos pais, a professora pede que as crianças escolham palavras que querem escrever e, junto das crianças, realiza a escrita no quadro, pensando sempre nos fonemas:

[...] primeiro eles diriam a palavra, depois apenas o sonzinho inicial dela, então o escreveriam, e assim seguidamente com todos os sonzinhos até o final das palavras. Se eles conseguiram fazer isso nos jogos e com os nomes dos pais, também poderiam fazer com as novas palavras que haviam escolhido. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 75)

Ao propor essa atividade, Juliana cria um ambiente propício para que as crianças apliquem seus conhecimentos, identificando os fonemas presentes nas palavras escolhidas e relacionando-os às letras correspondentes. Essa prática contínua e direcionada contribui para o desenvolvimento da consciência fonológica das crianças, fortalecendo suas habilidades de leitura e escrita.

Para tornar real o aprendizado de leitura e escrita das crianças, Juliana se apoia em práticas que permitem uma participação ativa de cada aluno. Diversos estudos concluem que a criança com papel principal no processo de aprendizagem tem melhores resultados e os autores procuram provar isso com a narrativa, como no trecho a seguir em que uma criança forma o raciocínio correto para a formação de uma palavra:

E depois foi juntando os sons (fonemas) para formar as sílabas. Ela fez igual ao sugerido pelo pesquisador do vídeo. E de sonzinho em sonzinho, ela e as crianças iam formando as sílabas, e ao juntar as sílabas, escreviam os nomes. Chegou a vez de Januário:

- Professora, C e O, forma CÔ ou CÔ.
- Assim, C e O sozinhos... nós normalmente falamos CÔ.
- Então temos que repetir C e O duas vezes para virar um cocô? (AMORIM; BENTO, 2022, p. 36)

A alfabetização é um processo desafiador que exige a participação ativa da criança. Trabalhar os fonemas permite isso ainda mais a fundo, pois a criança pratica os sons de cada letra ou conjunto de letras, formando assim as palavras. Apesar de representar um desafio inicial para as crianças, a compreensão dos fonemas é fundamental para desenvolver a autonomia na leitura. É por meio desse conhecimento que a criança consegue decifrar os sons das letras e sílabas presentes nas palavras, desvendando assim o código linguístico e adquirindo a capacidade de ler com fluência. Esse processo gradual de aprendizagem dos fonemas permite à criança explorar e internalizar as relações entre os sons da fala e a sua representação gráfica na escrita, constituindo um importante passo rumo à alfabetização plena.

3.2.3 Educação baseada em evidências científicas

Uma educação baseada em evidências científicas é fundamental para garantir a qualidade da alfabetização. Tem como base diferentes estudos e autores. A alfabetização deve ser fundamentada pela ciência e construída de modo intencional dentro da abordagem de cada escola, pensando na realidade da comunidade que atende. Sargiani expõe que “uma alfabetização de qualidade para todos envolve a busca por práticas de ensino que sejam mais eficientes e que promovam melhores resultados nos níveis de aprendizagem dos estudantes.” (SARGIANI, 2022, p. 1)

No livro “A Professora da Alfabetização”, os autores mencionam que Juliana, a protagonista, está em constante busca por conhecimentos, se fundamentando em evidências científicas (AMORIM; BENTO, 2022, p. 60). Essa busca por embasamento científico mostra o compromisso da professora em oferecer um ensino de qualidade aos seus alunos. Em diversos momentos é retratado a busca da professora por conhecimento, utilizando de *podcasts* (AMORIM; BENTO, 2022, p. 3, 25 e 87), assistindo vídeos (AMORIM; BENTO, 2022, p. 15, 19, 33, 36, 45, 57, 60 e 114) e lendo *blogs* e artigos científicos (AMORIM; BENTO, 2022, p. 19 e 58).

Além disso, em uma conversa com outra professora, Juliana deixa claro que o planejamento das suas aulas é apoiado por pesquisas científicas (AMORIM; BENTO,

2022, p. 98), demonstrando a importância de embasar as práticas educacionais em evidências para obter melhores resultados. Por fim, no desfecho da narrativa, Juliana enfrenta o autor dos bilhetes anônimos que a intimidavam (AMORIM; BENTO, 2022, p. 170) e não se deixa abalar, deixando claro que o sucesso da alfabetização das crianças se deve às práticas e abordagens embasadas em evidências científicas que adotou, e não por influência dos bilhetes.

Dessa forma, a narrativa enfatiza a importância de uma abordagem fundamentada em evidências científicas para a alfabetização de qualidade, destacando o papel essencial do conhecimento científico na construção de práticas educacionais eficientes e no enfrentamento dos desafios que possam surgir ao longo do processo.

3.3 PRÁTICAS EM SALA DE AULA

Apesar de ser um romance de mistério, o livro "A Professora da Alfabetização" ocorre em um ambiente escolar e é repleto de práticas e teorias da Educação. A seguir, algumas práticas da protagonista em sala de aula serão discutidas.

3.3.1 Diagnose

Conforme exposto por Alves (2013), diagnose e avaliação diagnóstica constam nos dicionários como termos médicos ou jurídicos e tendem a ser mais comumente encontrados nesses contextos. Recentemente, porém, têm começado a ser vinculados também à educação, especialmente no que diz respeito à avaliação inicial de conhecimentos específicos. A avaliação diagnóstica tem o intuito de guiar a prática do professor para que o trabalho com a criança parta do que ele já sabe e ainda tem de saber, ou seja, tem o intuito de "melhorar os resultados da orientação da aprendizagem, ainda que para isso seja necessário voltar a etapas anteriores e só depois retomar o caminho delineado para o futuro" (ALVES, 2013).

Desde o início de suas aulas, Juliana utiliza a prática da diagnose como uma estratégia pedagógica. No entanto, uma colega a enxerga como uma prática "mecanicista" (AMORIM; BENTO, 2022, p. 87). Porém, como mencionado, quando se fala em diagnose, se fala de verificar o conhecimento de determinado conteúdo e não

medir e quantificar e por isso se torna um instrumento bem diferente da avaliação tradicional. A protagonista ainda expõe:

[...] as melhores professoras sempre começavam avaliando as habilidades e necessidades das crianças e, depois, baseadas nessa observação, planejavam a melhor estratégia didática. Juliana decidiu, então, fazer uma sondagem na segunda-feira para identificar como estava a escrita de cada criança. Assim teria uma ideia melhor de como progredir. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 19)

Ao utilizar a diagnose na alfabetização, Juliana emprega uma estratégia interessante no início de suas aulas. Ela incentiva as crianças a escreverem seus próprios nomes da maneira como sabem, bem como os nomes dos colegas que estão sentados próximos a elas. Embora a maioria das crianças consiga escrever seus próprios nomes corretamente, a professora observa que nenhum deles consegue escrever corretamente os nomes dos colegas (AMORIM; BENTO, 2022, p. 23). Esse exercício revela informações valiosas para a diagnose, pois evidencia os pontos de facilidade e dificuldade de cada criança em relação à escrita dos nomes.

Parte fundamental do processo de diagnose é a observação atenta e imparcial, permitindo que a professora anote detalhadamente suas observações de cada criança. Essa avaliação deve ser realizada de forma recorrente e cumulativa ao longo do ano letivo, proporcionando um acompanhamento individualizado do progresso de cada aluno. Juliana adota essa prática em seu trabalho com a turma, reconhecendo a importância de identificar as necessidades específicas de cada criança e direcionar suas intervenções de ensino de forma mais eficaz. Essa abordagem baseada na diagnose contribui para que ela promova um ambiente de aprendizagem mais individualizado e adequado às demandas de cada aluno.

3.3.2 Modelagem de leitura e escrita

No Guia de Transposição Didática (ESCRIBO, 2022) são elencados diversas práticas e abordagens pedagógicas utilizadas pela professora Juliana e uma delas chamada de "modelagem de leitura e escrita". O termo modelagem é originário da Análise do Comportamento. Através do reforço de aproximações sucessivas ao comportamento-alvo, é possível ensinar novos comportamentos. Inicialmente, é importante fortalecer qualquer resposta que demonstre alguma semelhança com o comportamento desejado. Em seguida, o reforço deve ser direcionado para respostas

cada vez mais próximas do objetivo, até que o estudante demonstre o comportamento final desejado. Somente nesse momento é que o reforço deve ser aplicado novamente para consolidar e fortalecer o comportamento desejado. (SANTROCK, 2010).

Nesta definição de Santrock fica claro como este conceito seria aplicado num contexto de sala de aula. No entanto, muitas vezes a modelagem é confundida com outro princípio da Análise do Comportamento que é a modelação, entendida como a cópia de um modelo, como apresentado por Myers e DeWall:

A cognição certamente é um fator na aprendizagem pela observação, em que os animais superiores, especialmente os seres humanos, aprendem sem a experiência direta, observando e imitando os demais. Uma criança que vê sua irmã queimar os dedos das mãos em um forno quente aprende a não tocar no forno. (MYERS; DEWALL, 2019, p. 255)

O trecho acima, com o exemplo dado pelos autores, facilita a compreensão do conceito de modelação. Além disso, os termos em inglês auxiliam na diferenciação entre estes: modelagem é conhecido como *shaping*, que significa fazer algo ter uma forma específica (SHAPE, 2023) enquanto modelação é *modeling*, com significado de algo que pode ser base para cópia (MODEL, 2023). Assim, a modelação ocorre de maneira mais direta e natural, enquanto que a modelagem é processual, um movimento que exige a passagem por diversas etapas.

No livro “A Professora da Alfabetização” há dois momentos em que o verbo modelar é usado. No primeiro, em uma atividade de escrita, a professora Juliana pediu que as crianças escrevessem três coisas que gostavam de fazer e depois leram a lista dos colegas; em seguida:

Examinou o que escreveram, pediu para que eles contassem quais foram as maiores dificuldades. Ouviu com atenção as crianças explicarem quais sílabas ou sonzinhos eram mais difíceis, em que obstáculos esbarraram e tomou notas diligentemente. Se havia erros de escrita, ela modelava passo a passo. Nos erros de leitura, ela fazia o inverso, lendo cada sonzinho e juntando para formar as palavras. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 84)

No trecho, a impressão passada é a de modelar no sentido de modelagem, por conta da expressão passo a passo. Os autores dão a entender que a professora está realizando uma ou mais etapas em um processo de reforço com base nas dificuldades das crianças e no que elas erraram. Contudo, a cena descrita na obra ainda é vaga e não descreve com detalhes como a personagem realizou esta atividade e a modelagem.

Em outro momento, no entanto, modelar parece se referir a apresentar um modelo, ou seja, modelação. Neste trecho, a professora realiza uma atividade de leitura com as crianças em que eles têm de ler o que escreveu no quadro:

A professora foi até a frente da turma e escreveu essas três palavras [avião, nuvens e helicópteros] na lousa. Pediu para a turma toda ler cada uma delas. Juliana pretendia ativar o conhecimento prévio das crianças sobre o assunto e aproveitar a oportunidade para modelar a leitura dos pequenos conforme eles apresentassem alguma dificuldade, apontando letra por letra. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 112)

Ao apontar letra por letra, os autores parecem indicar que a professora está apresentando modelos de leitura, provavelmente mostrando o som de cada letra nas palavras escolhidas e pedindo que as crianças repitam. Contudo, a obra novamente é vaga e não aprofunda ou exemplifica melhor a situação. Além disso, como exposto, há uma certa confusão a respeito do termo “modelar” na obra, não ficando claro o conceito que os autores utilizam.

3.3.3 Leitura de palavras grandes

A familiarização com palavras é uma etapa fundamental no processo de alfabetização, que vai desde as palavras simples até as mais complexas, incluindo até mesmo as pseudopalavras, que são construções inventadas que não existem no vocabulário da língua. À medida que a criança vai adquirindo conhecimento dos fonemas, ela começa a formular suas próprias hipóteses sobre as palavras que ainda não conhece (MORAIS, 2013). Esse processo de decifrar e compreender as palavras ocorre progressivamente, e com o tempo, a criança se torna capaz de lidar também com palavras maiores.

No livro "A Professora da Alfabetização", Juliana incorpora em suas práticas na sala de aula atividades voltadas para o desenvolvimento da leitura de palavras maiores (AMORIM; BENTO, 2022, p. 93 e 112), palavras desconhecidas (AMORIM; BENTO, 2022, p. 75, 84, 90 e 126) e pseudopalavras (AMORIM; BENTO, 2022, p. 93). Ela reconhece a importância de expor as crianças a novas palavras, pois isso as desafia a aplicar suas habilidades de decodificação e compreensão.

Dessa forma, ao trabalhar com uma variedade de palavras, desde as mais simples até as mais complexas, Juliana promove um ambiente de aprendizado rico e desafiador, incentivando o desenvolvimento progressivo das habilidades de leitura das

crianças. Ela reconhece que a exposição a diferentes tipos de palavras amplia o repertório linguístico e fortalece a compreensão das regras linguísticas, contribuindo para a formação de leitores autônomos. No trecho abaixo, a professora escolhe palavras que não fazem parte do repertório das crianças, mesmo que relacionadas, para testar a habilidade delas na leitura:

Cada uma das expressões tinha a ver com o que as crianças haviam escolhido nos dias anteriores. Só que agora havia um diferencial: as palavras que a professora escolheu a dedo eram de uso bem incomum para a idade dos estudantes. Mas não é porque a gurizada não costuma usar ou entender certos termos que não seriam capazes de aprendê-los. Juliana tinha estudado as evidências científicas que mostravam o exato oposto disso. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 126)

3.3.4 Leitura de diferentes gêneros textuais

A alfabetização é um processo que envolve o desenvolvimento de diversas habilidades, como por exemplo a consciência fonológica, já abordada aqui, e a leitura. Para que a aprendizagem se concretize e seja relacionada à realidade da criança, a escola deve trabalhar a leitura de diversos textos de diferentes gêneros textuais, sendo coerente com a variedade existente no mundo:

Os leitores se formam com a leitura de diferentes obras que contêm uma diversidade de textos que servem, como ocorre nos contextos extra-escolares, para uma multiplicidade de propósitos (informar, entreter, argumentar, persuadir, organizar atividades, etc.). (KAUFMAN; RODRIGUEZ, 1995, p. 45)

De acordo com as autoras, o trabalho com textos de diversos gêneros e suas variadas funções é essencial para a formação de leitores. No livro “A Professora da Alfabetização”, os autores retratam as diversas abordagens utilizadas por Juliana no trabalho com as crianças, incluindo a exploração de diferentes gêneros textuais, como histórias (AMORIM; BENTO, 2022, p. 7), parlendas (AMORIM; BENTO, 2022, p. 10), folclore (AMORIM; BENTO, 2022, p. 19) e outros. Com essa leitura variada, Juliana visa oferecer às crianças uma experiência enriquecedora. Essa diversidade de gêneros textuais desafia as crianças a explorarem diferentes estruturas linguísticas, ampliando seu vocabulário e familiarizando-as com as características únicas de cada tipo textual.

Apesar da maior parte do livro focar em diferentes práticas mais voltadas ao aprendizado de ler e escrever, como os fonemas e a consciência fonológica, os autores trazem também esse trabalho da professora com os diferentes gêneros

textuais, reforçando a importância deste para a alfabetização das crianças. Uma das habilidades que esse trabalho desenvolve é a ampliação do vocabulário:

A professora sabia que era importantíssimo que a garotada tivesse um amplo vocabulário para ler bem. E não era uma simples questão de ter na memória um conjunto maior de palavras, de saber responder como uma determinada coisa se chama. Juliana não estava ensinando expressões soltas. O vocabulário era construído feito uma rede. Tudo que os pequenos aprendiam relacionava-se com o mundo deles, os interesses e as origens. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 127)

A ampliação do vocabulário das crianças desempenha um papel fundamental na formação de leitores competentes. Juliana compreende a importância desse aspecto e o incorpora em seu planejamento de ensino. No final do livro, Juliana conta para o leitor que seus alunos “liam e escreviam textos longos de vários gêneros” (AMORIM; BENTO, 2022, p. 181), retomando assim o trabalho que fez no decorrer do ano. Essa abordagem visa não apenas desenvolver suas habilidades de leitura, mas também enriquecer seu repertório linguístico, permitindo-lhes uma compreensão mais profunda e expressiva do mundo ao seu redor. Ao promover o contato com textos variados, Juliana incentiva seus alunos a explorarem diferentes contextos e temáticas, contribuindo para o desenvolvimento de sua curiosidade, imaginação e conhecimento.

3.3.5 Jogos e brincadeiras

A utilização de jogos educativos desempenha um papel significativo no ambiente escolar, especialmente na sala de aula. Ao incorporar o elemento lúdico, os jogos proporcionam um espaço onde as crianças podem aprender de forma concreta, sem sentir pressão ou medo de cometer erros (KISHIMOTO, 2016).

No livro "A Professora da Alfabetização", Juliana reconhece a importância desses jogos como ferramentas de ensino, buscando tornar o aprendizado mais envolvente e divertido para seus alunos. Ela incentiva o uso de massinha, permitindo que as crianças moldem letras e explorem o formato delas (AMORIM; BENTO, 2022, p. 8), utiliza jogos em *tablets*, que proporcionam interações digitais estimulantes e envolventes para as crianças (AMORIM; BENTO, 2022, p. 58, 65, 85, 92 e 120), síntese de fonemas (AMORIM; BENTO, 2022, p. 65) bingo de fonemas (AMORIM; BENTO, 2022, p. 75) e também monta um jogo da memória para seus alunos com base nos fonemas que mais sentiram dificuldade ao longo daquela semana:

Em uma carta ela escreveu a letra que representava o som, e na outra carta que formava o par ela colocava um objeto que iniciava com aquele som. Posicionou as cartinhas todas no chão e as crianças jogaram coletivamente. Depois que alguma criança acertava o par, ela aproveitava para conectar a letra/som com os nomes das mães que tinham aquele som. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 68)

Ao explorar jogos educativos em sala de aula, Juliana proporciona às crianças uma experiência de aprendizado estimulante e motivadora. Através dos jogos, as crianças são desafiadas a aplicar o conhecimento adquirido, consolidando os conceitos aprendidos de maneira prática. Elas são incentivadas a pensar de forma estratégica, a tomar decisões com base em suas observações e a lidar com situações adversas, estimulando o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como a perseverança, a resiliência e a colaboração.

Dessa forma, ao incorporar jogos educativos em seu planejamento, Juliana valoriza a importância do aspecto lúdico no processo de alfabetização. Ela reconhece que os jogos proporcionam um ambiente propício para a exploração, a experimentação e a construção ativa do conhecimento pelas crianças. Através dessas experiências, elas internalizam conceitos e habilidades de forma mais significativa, transformando o aprendizado em uma experiência prazerosa e enriquecedora. Os autores ainda colocam a percepção das crianças reforçando o benefício dos jogos educativos:

Eles encaravam novos desafios como uma grande brincadeira, porque sabiam que era um jogo em que todos venciam no final. Juliana se surpreendeu com esse pensamento, a educação era como um jogo em que todos venciam, ou deveria ser. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 112)

Assim, os jogos educativos se tornam aliados poderosos na jornada de alfabetização, contribuindo para o engajamento, a motivação e o desenvolvimento integral das crianças. Através dessas práticas, Juliana estimula o interesse e o amor pelo aprendizado, criando um ambiente estimulante e inspirador que promove o sucesso e a realização das crianças em sua jornada de alfabetização.

3.3.6 Tecnologia na sala de aula

As práticas aplicadas por Juliana, baseadas nas teorias já discutidas aqui, muitas vezes tem como ferramenta as tecnologias. Quando se fala sobre celulares, computadores e *tablets*, entre outros, usa-se o termo tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC), que são as tecnologias digitais que auxiliam na

disseminação de informações e de comunicação. As TDIC estão presentes na vida da maioria das pessoas e elas podem ser encaradas como ferramentas para o aprendizado.

Justamente por reconhecer a importância das tecnologias no dia-a-dia, no livro “A Professora da Alfabetização” os autores trazem comentários dos alunos de Juliana que refletem a presença de aparelhos e conteúdos digitais, como no diálogo entre a professora e as crianças em que comentam “a gente gosta de assistir desenho no aplicativo” (AMORIM; BENTO, 2022, p. 10), ao criticar o plano de Juliana de passar uma parlenda, e também quando Juliana escreve uma palavra no quadro e uma das crianças a identifica: “a palavra é *Netflix*” (AMORIM; BENTO, 2022, p. 24).

Contudo, pensando que o livro foi escrito e publicado por Américo Amorim e pela editora Escribo, não é de se surpreender a ênfase que é dada às tecnologias. Como já mencionado, Amorim é um pesquisador de conteúdos digitais educacionais e a Escribo se tornou uma plataforma para divulgação destes. Em diversos momentos da narrativa, é possível ver a personagem principal se apoiando em tecnologias para construir seu conhecimento e seu planejamento das aulas. Desde a leitura de artigos e livros a ver documentários e ouvir *podcasts*, Juliana conta muito com a ajuda da tecnologia para conhecer mais sobre a pedagogia e diferentes métodos.

Além disso, a professora também usa as tecnologias nas aulas, através do uso de tablets na escola, como no capítulo 13 (AMORIM; BENTO, 2022, p. 56-59), e do celular dos pais em casa, no capítulo 29 (AMORIM; BENTO, 2022, p. 123-130), para expandir o trabalho pedagógico. Por ser um ponto importante e de foco para Amorim, ele traz essa importância para dentro da narrativa também e há diversos momentos no livro em que é dado luz às tecnologias e à utilidade delas para o aprendizado das crianças, como no trecho abaixo:

[...] um mecanismo de aprendizado que era indistinguível de qualquer brincadeira, que as crianças enxergavam como diversão pura, além de ser algo que elas queriam fazer de verdade. Os efeitos disso na eficácia do aprendizado seriam incríveis. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 59)

Porém, “A Professora da Alfabetização” vai mais longe e traz ainda a realidade de muitas famílias que, por vezes, não se reflete: nem todas têm um dispositivo disponível ou, às vezes, não têm acesso à *internet*: “Recursos que a professora Juliana tinha como certos, celular, computador, *internet*, ainda eram escassos na vida de muitas pessoas.” (AMORIM; BENTO, 2022, p. 126) Essa reflexão é importante,

pois as tecnologias estão presentes na vida da maioria das pessoas e acaba sendo automático pensar que é assim para todos, mas a realidade é longe disso.

É necessário fazer sempre esse reconhecimento e mudar as práticas quando se percebe que alguém está sendo excluído. E é justamente isto que Juliana faz ao ficar sabendo pelas crianças que algumas de suas famílias não têm acesso ao celular para fazer a atividade que passou para casa: a professora convida essas famílias para entrarem na escola e fazerem o jogo com seus filhos para que ninguém fique de fora e todos possam desfrutar da aprendizagem igualmente.

Sendo assim, de modo geral, as tecnologias estão presentes no cotidiano das crianças e o uso delas para o aprendizado dos conteúdos curriculares pode ser um instrumento valioso na sala de aula, porém é necessário que o professor reflita e aplique um uso consciente, trazendo conhecimentos sobre mídias, como interagir nas redes sociais e sobre fontes de informação, além de se atentar à realidade de cada família.

3.4 ANÁLISE CRÍTICA

O livro “A Professora da Alfabetização” traz no decorrer de sua narrativa diversas abordagens e práticas em sala de aula. Juliana é uma professora experiente assumindo pela primeira vez uma turma na rede pública e, a partir disso, vários conceitos são explorados com as atividades que ela realiza com suas crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental. Os autores trazem o trabalho da professora com a alfabetização dos alunos, abordando consciência fonológica e fonêmica, diagnose, modelagem, leitura de palavras grandes e de diferentes gêneros textuais, jogos e brincadeiras e uso da tecnologia na sala de aula, tudo isso enquanto diz ter base em evidências científicas.

Em todos os momentos, a professora é colocada como correta, como se fizesse tudo certo e não cometesse erros em seu planejamento e prática. De um ponto de vista literário, Juliana não é uma protagonista complexa, além dos bilhetes não há grandes conflitos que a cerquem. Já de um ponto de vista pedagógico, o retratado na narrativa é irreal, desconsidera o erro e acaba por mostrar todas as atividades desenvolvidas como efetivas para todos os alunos mencionados.

Ainda, vale ressaltar que, talvez por se tratar de uma história, as crianças mencionadas são sempre as mesmas, se tornando principais protagonistas nas atividades que Juliana desenvolve. Quem já esteve em sala de aula sabe que a realidade está longe da apresentada: um único modo de ensinar raramente atinge todos os estudantes da turma e acaba sendo necessário que o professor pense em diferentes maneiras para conseguir o objetivo que procura. Por mais experiente que o professor seja, cada criança é diferente e chega na sala com um contexto e conhecimento anteriores, além das facilidades e dificuldades que cada um apresenta. O planejamento das atividades é apenas o ponto de partida para o dia a dia e a dinâmica exige sempre que o professor repense e altere algumas práticas, mas esse lado não é mostrado ao leitor.

Como Américo Amorim, autor principal do livro, é pesquisador na área da consciência fonológica, a abordagem adotada por Juliana é compatível com o conhecimento produzido por ele nos outros meios, como artigos científicos, *posts*, vídeos no *Youtube*, *podcasts* etc. Em diversos momentos no decorrer do livro, o leitor fica sabendo que a professora realizou diferentes pesquisas e utilizou dos conhecimentos adquiridos para guiar sua prática. Como parte do conteúdo produzido por sua empresa Escribo, o canal do *Youtube* é repleto de vídeos e entrevistas que abordam alfabetização, consciência fonológica, ciência da leitura, desenvolvimento e muitos outros temas. Além do canal, Escribo também é editora, com a publicação do livro “A Professora da Alfabetização” e produtora de jogos educativos digitais, como o *Escribo Play* (ESCRIBO, 2023c). Por ser tão a favor das tecnologias no contexto educacional, é trazido para o livro esse olhar, colocando a professora como revolucionária na escola, sendo inclusive chamada de “libertadora dos *tablets*” (AMORIM; BENTO, 2022, p. 60), e estimulando que seus alunos assistam a vídeos e joguem jogos educativos em casa. Há, então, um interesse de Amorim em escrever uma narrativa onde a consciência fonológica e as tecnologias são foco, pois são temas chave para Escribo. Por esse motivo, em alguns momentos a preocupação do livro parece mais a de promover sua empresa do que apresentar evidências científicas.

No final do livro, os autores colocam o avanço de todos os estudantes de Juliana como favorável e acima do nível esperado para a idade e ano escolar. Isso ocorre como uma tentativa de concluir a promoção da consciência fonológica em sala de aula, novamente trazendo que as práticas adotadas pela professora foram as

responsáveis. No trecho abaixo, a carta do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) recebida pela escola por ter demonstrado níveis de alfabetização acima do esperado e resultados melhores que outras escolas da cidade:

Por meio desta, viemos informar que os estudantes da escola Odorico Mendes obtiveram os mais altos índices de proficiência em Língua Portuguesa dentre todas as escolas municipais de sua cidade. Tendo certeza de que este excelente resultado é fruto de um esforço conjunto de muitos profissionais, gostaríamos de solicitar que expressem nossos parabéns a todas as professoras e demais membros da equipe da escola, assim como para as crianças e suas famílias.

Em anexo seguem os relatórios individuais dos estudantes, que podem ser utilizados como subsídios para o planejamento do próximo ano letivo. (AMORIM; BENTO, 2022, p. 184)

Ao trazer uma carta do Ministério da Educação e do INEP, fica a impressão para o leitor de que os autores precisaram expor o aval externo de uma instituição oficial para reconhecer o sucesso dos alunos de Juliana e dos métodos utilizados. A percepção pessoal da professora, das famílias, dos alunos e até mesmo do próprio leitor de alfabetização bem feita parecem não ser suficientes para finalizar o livro. Os autores procuraram confirmar que o método utilizado pela professora Juliana e as práticas de sala de aula que utilizou com seus alunos foram ótimos e que, por serem diferentes do que é utilizado em outras escolas, gerou resultados tão favoráveis assim.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho procurou analisar o livro “A Professora da Alfabetização” a partir da Psicologia Cognitiva em relação às teorias e práticas de alfabetização apresentadas na narrativa. A partir do que a professora Juliana praticou em sala de aula com seus alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental, foi analisado o lado teórico e a compatibilidade deste com pesquisas recentes.

A professora adotou como parte de seu planejamento na sala de aula a diagnose, a consciência fonológica, a modelagem da leitura e da escrita, a leitura de palavras grandes e de textos de diferentes gêneros textuais, jogos e brincadeiras e o uso de tecnologias. Essas foram as práticas mais importantes para o desenvolver do trabalho de alfabetização de Juliana com suas crianças e no decorrer deste trabalho foram analisadas do ponto de vista teórico e prático.

A partir da leitura do livro “A Professora da Alfabetização”, a análise destes se fez importante por trazer para dentro de uma narrativa o dia a dia de sala de aula, abordagens e conceitos pedagógicos e por se colocar como base em evidências científicas. A educação com base em evidências científicas procura justamente que se estude e analise com cautela o que está sendo aplicado em sala de aula para que os melhores resultados possíveis sejam atingidos.

Por ter como autor principal Américo Amorim e como editora Escribo, a obra é claramente a favor da consciência fonológica e de tecnologias em sala de aula e acaba ficando claro o quão parcial é a esses temas. Ao chegar no final da narrativa, o leitor provavelmente está inspirado pelos resultados atingidos pela professora e procurará sobre os principais conceitos. Contudo, se o leitor é também professor, provavelmente se deparará com uma decepção se, ao aplicar essas atividades em sala de aula, não obtiver os resultados positivos que foram expostos pela obra.

A alfabetização apresentada e o uso das tecnologias na sala de aula geram ótimos resultados ao final do ano letivo e o trabalho pedagógico que foi realizado pela professora Juliana aparenta ser perfeito. Tendo isso em mente, é difícil não se sentir motivado pela professora Juliana, mas a prática pedagógica deve sempre ser guiada de diferentes pesquisas e fundamentos, e um livro que retrata a sala de aula deve abordar toda a realidade do contexto, como as crianças que ainda sim demonstraram dificuldades no aprendizado da leitura e da escrita.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Americo Nobre Goncalves Ferreira. **The use of digital games by kindergarten students to enhance early literacy skills**. 2018. 132 f. Tese (Doutorado em Educação) - Johns Hopkins University, Baltimore, 2018. Disponível em: <http://jhir.library.jhu.edu/handle/1774.2/60035>. Acesso em 24 abr. 2023

AMORIM, Americo. BENTO, Matheus. **A Professora da Alfabetização**. Escribo - Inovação para o Aprendizado, 2022.

ALVES, Julia F. **Avaliação educacional - da teoria à prática**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

BENTO GHOSTWRITING. Bento Ghostwriting. **Transforme a sua ideia ou história de vida no livro que sempre sonhou!** Disponível em: <https://bentoghostwriting.com.br/servico-cursos/>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

ESCRIBO. **Guia de Transposição Didática - A Professora da Alfabetização**. Disponível em: <https://www.subscribepage.com/conteudoaprofessora>. Acesso em: 25 de setembro de 2022.

ESCRIBO. **Escribo - Inovação para o aprendizado**, 2023a. A Professora da Alfabetização by Américo Amorim, Matheus Bento. Disponível em: <https://escribo.com/livros/a-professora-da-alfabetizacao/>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

ESCRIBO. **Escribo - Inovação para o aprendizado**, 2023b. Américo Amorim. Disponível em: <https://escribo.com/americo-amorim/>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

ESCRIBO. **Escribo - Inovação para o aprendizado**, 2023c. Quem somos. Disponível em: <https://escribo.com/quem-somos/>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

GHOSTWRITER. In: CAMBRIDGE DICTIONARY, Dicionário Cambridge. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/ghostwriter>. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.

HADDAD, Sérgio. SIQUEIRA, Filomena. Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização - ABAlf**, Espírito Santo, v. 1, n. 2, p. 88-110, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/81>. Acesso em: 05 de junho de 2023.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. Os textos escolares: um capítulo à parte. In: _____. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 44-49.

KISHIMOTO, Tizuko. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Cengage Learning, 2016.

LAHIRE, Bernard. O ponto de vista do conhecimento. In: _____. **Sucesso escolar nos meios populares: as razões do improvável**. São Paulo: Editora Ática, 1997, p. 17-46.

LOTSCH, Vanessa de O. **Alfabetização e Letramento I**. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar e a questão das representações sociais**. Eccos Revista Científica, v. 4, n. 2, 2002, p. 79-88.

LUCKESI, Cipriano C. Avaliação da aprendizagem escolar: apontamentos sobre a pedagogia do exame. In: Luckesi, Cipriano. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo, Cortez, 2011, p. 35-44.

MODEL. In: CAMBRIDGE DICTIONARY, Dicionário Cambridge. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/model>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

MORAIS, José. **Criar leitores: para professores e educadores**. São Paulo: Minha Editora, 2013.

MUSZKAT, Mauro; MELLO, Claudia B. de. Neurodesenvolvimento e Linguagem. In: BARBOSA, Thais; RODRIGUES, Camila C.; MELLO, Claudia B. de; CAPELLINI, Simone A.; MOUSINHO, Renata; ALVES, Luciana M. **Temas em Dislexia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009, p. 1-15

MYERS, David, G.; DEWALL, C. Nathan. Aprendizagem. In: _____. **Psicologia**. Rio de Janeiro: LTC, 2019, p. 232-263.

NOVAES, Carolina B. MISHIMA, Fabíola. SANTOS, Patrícia L. **Treinamento breve de consciência fonológica: impacto sobre a alfabetização**. Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia, São Paulo, v. 30, ed. 93, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v30n93/05.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2023.

ONU - Organização das Nações Unidas. **Objetivos de desenvolvimento sustentável**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 05 de junho de 2023.

SANTAMARIA, Viviane L. LEITÃO, Patricia B. ASSENCIO-FERREIRA, Vicente J. **A consciência fonológica no processo de alfabetização**. Rev CEFAC, São Paulo, v.6, n.3, 237-41, jul-set, 2004.

SANTROCK, John. Abordagens sociocognitiva e comportamental. In: _____. **Psicologia Educacional**. Porto Alegre: AMGH, 2010, p. 225-261.

SARGIANI, Renan. **Alfabetização Baseada em Evidências: Da Ciência à Sala de Aula**. Porto Alegre: Penso, 2022, p. 1-44.

SHAPE. In: CAMBRIDGE DICTIONARY, Dicionário Cambridge. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/shape>. Acesso em: 10 de junho de 2023.

SNOWLING, Margaret J.; HULME, Charles. **A Ciência da Leitura**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SOARES, Magda. **A reinvenção da alfabetização**. Presença Pedagógica, v.9 n.52, jul./ago. 2003. Disponível em: http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/programa_aceleracao_estudos/reivencao_alfabetizacao.pdf. Acesso em: 11 de janeiro de 2023.

SOARES, Magda. **As muitas facetas da alfabetização**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1985. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1358/1359>. Acesso em: 10 de setembro de 2022.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento. In: _____. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo, Editora Contexto, 2021, p. 15-40.

SOARES, Magda; BATISTA, Antônio. **Alfabetização e letramento: caderno do professor**. Belo Horizonte, Ceale/FaE/UFMG, 2005. Disponível em: https://orientaeducacao.files.wordpress.com/2017/02/col-alf-let-01-alfabetizacao_letramento.pdf. Acesso em: 06 de setembro de 2022.

VALENTE, José Armando. As tecnologias e as verdadeiras inovações na educação. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth; DIAS, Paulo; SILVA, Bento da. **Cenários de inovação para a educação na sociedade digital**. Edições Loyola; 1ª edição, 2013, p. 35-45.

WIKIPEDIA. Wikipedia - A enciclopédia livre. **Odorico Mendes**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Odorico_Mendes. Acesso em: 26 de janeiro de 2023.